

## MULHERES NEGRAS NA FICÇÃO FANTÁSTICA: UMA ANÁLISE DAS ILUSTRAÇÕES DIGITAIS DE LAUREN BROWN

Greicilaine Agostinho Martins<sup>1</sup>

Micheline Raquel de Barros<sup>2</sup>

**Resumo:** O estudo situa a contribuição de Lauren Brown (2021) para o ativismo e a crítica por meio das artes, dado que a artista atribui visibilidade às mulheres negras em suas ilustrações digitais de fantasia. Assim, o objetivo da análise é analisar as ilustrações digitais intituladas *Octopus Mermaid*, *Sporecrown Queen*, *We are not prey* e *Tiefling*. Para tanto, autoras de destaque no âmbito dos estudos feministas como bell hooks (2019) e Chimamanda Ngozi Adichie (2009) embasam as discussões teóricas apresentadas. Dentre as principais contribuições, o estudo enfatiza a importância de iniciativas criativas em favor da diversidade, combatendo estereótipos que se dão por meio de uma exclusão sistemática que viola o direito à existência em todo e qualquer espaço, quer real ou ficcional.

**Palavras-chave:** Artes; Fantasia; Ilustração Digital; Mulheres Negras.

### BLACK WOMEN IN FANTASY FICTION: AN ANALYSIS OF LAUREN BROWN'S DIGITAL ILLUSTRATIONS

**Abstract:** The study aims to show Lauren Brown's (2021) contribution to activism and criticism through the arts, considering that the artist attributes visibility to black women in her fantasy digital illustrations. The analysis aims to discuss the works entitled *Octopus Mermaid*, *Sporecrown Queen*, *We are not prey* and *Tiefling*. To this end, prominent authors in the field of feminist studies such as bell hooks (2019) and Chimamanda Ngozi Adichie (2009) base the theoretical discussions. Among the main contributions, the study emphasizes the creative ideas in favor of diversity, against stereotypes that occur through systematic exclusion and violate the right to existence in any spaces, whether real or fictional.

**Keywords:** Art; Black Women; Digital Illustrations; Fantasy.

---

<sup>1</sup> Pesquisadora e Artista Visual, é doutoranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. <https://orcid.org/0000-0002-4736-8051>.

<sup>2</sup> Professora de Artes Visuais do Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC, Campus Canoinhas. <https://orcid.org/0009-0003-3448-1033>.

## 1. Introdução

O trabalho tem por objetivo analisar as ilustrações digitais intituladas *Sporecrown Queen*, *Octopus Mermaid*, *We are not prey* e *Tiefling*<sup>3</sup>, de Lauren Brown (2021), a fim de demonstrar as contribuições da artista para o ativismo e a crítica por meio das artes visuais. Isso, considerando, mais especificamente, o âmbito das ilustrações de fantasia, meio pelo qual Brown atribui visibilidade às mulheres negras. Para tanto, os objetivos específicos da pesquisa são: 1) Elucidar os principais símbolos presentes nas ilustrações digitais de Lauren Brown, considerando interpretações afrocêntricas; 2) Demonstrar como o ativismo e a crítica social estão manifestos nessas produções culturais.

Importa destacar que essas ilustrações estão disponíveis na Revista *Imagine FX* (2021), bem como no site *LABillustration.com*, compreendidas ao longo do presente estudo como um importante referencial artístico em termos de ilustrações digitais, haja vista que são obras que podem fomentar debates sobre diversidade cultural e questões raciais a partir do âmbito ficcional da representação e da fantasia.

Importa destacar que Brown é formada pelo *Savannah College of Art Design*<sup>4</sup> e vive em Austin, no estado norte-americano do Texas, onde atua como ilustradora e desenvolvedora profissional de jogos. Comprometida em apresentar contribuições para inovações criativas relacionadas à promoção da diversidade, a artista é vencedora do *Emmy*<sup>5</sup> por sua participação no desenvolvimento da série animada *Archer*<sup>6</sup> (2009) e está envolvida em várias comunidades artísticas, encontrando suas principais fontes de inspiração na natureza e no estilo *Art Nouveau*, com base nas obras de Alphonse Mucha (1860 - 1939).

Diante do exposto, é importante ressaltar que a motivação para a realização dessa pesquisa partiu de uma das perguntas realizadas pela própria Brown: “Isso é fantasia. Por que não haveria pessoas das mais diversas etnias?” (Dean, 2021, p. 42)<sup>7</sup>. Esse questionamento é

---

<sup>3</sup> A rainha dos cogumelos, A sereia polvo, Não somos presa e Tiefling - Seres mitológicos muito comuns em jogos de fantasia.

<sup>4</sup> Faculdade de Arte e Design de Savannah.

<sup>5</sup> Prêmio atribuído a programas e profissionais de televisão.

<sup>6</sup> Série animada sobre espionagem da emissora *FX*.

<sup>7</sup> “This is fantasy. Why wouldn’t there be people of colour?” – Obs. Intervenção por meio da tradução, dado o contexto pejorativo do termo no Brasil. *People of color* ainda é muito utilizado nos Estados Unidos para descrever pessoas das mais diversas etnias.

fundamental para destacar uma temática pouco estudada, isto é, ilustrações digitais de fantasia nas quais mulheres negras são representadas, temática crucial para repensarmos algumas práticas na lida com o imaginário e com o campo da representação.

Assim, a pesquisa se trata de uma análise bibliográfica de abordagem qualitativa<sup>8</sup>, considerando estratégias de análise de imagem, as quais dialogam com estratégias interdisciplinares oriundas de perspectivas históricas, antropológicas e semióticas. Logo, o estudo se justifica pela relevância social de inovações no meio artístico. Isso, considerando a necessidade de maior atenção para o potencial crítico das ilustrações digitais de fantasia no meio educacional, principalmente, em relação às obras cujo foco central seja a diversidade cultural, aqui exemplificado pela especificidade de ilustrações que auferem visibilidade às mulheres negras. Para tanto, o fluxo teórico da pesquisa está amparado pelas percepções de autoras como bell hooks<sup>9</sup> (2019) e Chimamanda Ngozi Adichie (2009), dentre outras.

Isso posto, a pesquisa está dividida em duas partes. Primeiramente, demonstrando os apontamentos teóricos interdisciplinares, bem como aspectos gerais acerca da artista e de seus campos e estratégias de ação e, em seguida, apresentando reflexões sobre algumas possibilidades interpretativas de quatro das ilustrações fantásticas produzidas por Brown.

## 2. Muito além da representação

Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e ressaltar o mal. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida.

(Adichie, 2009, p. 5)

Para iniciar essa discussão centrada no protagonismo de mulheres negras nas artes visuais, cabe mencionar as palavras da escritora Chimamanda Ngozi Adichie. A epígrafe se trata de um excerto de “O perigo de uma única história”<sup>10</sup>, uma palestra proferida por Adichie

---

<sup>8</sup> Por tratar de um estudo com fontes bibliográficas majoritariamente em língua inglesa, as citações são apresentadas em português conforme tradução nossa.

<sup>9</sup> Grafado em letras minúsculas em respeito ao posicionamento político da autora, crítica das convenções normativas de linguagem, utilizando o pseudônimo em homenagem à sua bisavó Bell Blair Hooks.

<sup>10</sup> *The danger of a single story* (2009).

no *TED Talks*, ocasião na qual a escritora explica as consequências de reduzir um determinado grupo de pessoas a uma única narrativa.

Adichie (2009, p. 1) comenta que “[...] nós somos impressionáveis e vulneráveis face a uma história, principalmente quando somos crianças” (Adichie, 2009, p. 5) e explica, conforme suas próprias palavras: “porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar” (Adichie, 2009, p. 5).

As coisas só mudaram para Adichie quando ela descobriu os livros africanos e percebeu que pessoas como ela, “[...] meninas com a pele da cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos de cavalo, também podiam existir na literatura” (Adichie, 2009, p. 5). Desde então, Chimamanda começou a escrever narrativas sobre aquilo que ela reconhecia.

Situação semelhante ocorreu com a artista Lauren Brown. Em uma entrevista publicada na Revista *ImagineFX*<sup>11</sup>, Ian Dean<sup>12</sup> (2021, p. 42) destaca o momento em que ela percebeu a falta de representatividade nos meios socioculturais que frequentava. Conforme aponta Dean “havia algo faltando, no entanto, e era ela mesma. Crescendo, Lauren Brown nunca se viu na arte que ela amava. ‘Lembro-me de andar pelos salões de muitas convenções, olhar para as exposições de arte de fantasia e não ver pessoas das mais diversas etnias’, diz a artista” (Dean, 2021, p. 42)<sup>13</sup>. Brown, então, questiona:

Isso é fantasia. Por que não haveria pessoas das mais diversas etnias? Este é o menor denominador comum de diversidade que você pode colocar nesses reinos, e ainda assim não vemos pessoas que se pareçam conosco. Então, parte do meu objetivo é encontrar pessoas que se parecem conosco naqueles cenários que eu amo ver [...] estamos aqui também e há muitas coisas que podemos fazer com esses personagens e a maneira como nos apresentamos (Dean, 2021, p. 42)<sup>14</sup>.

<sup>11</sup> *ImagineFX* é a principal revista de arte digital com foco em *sci-fi* e fantasia.

<sup>12</sup> Editor da *ImagineFX*.

<sup>13</sup> “I remember walking around halls of many conventions, looking at the fantasy art displays, and just seeing no people of color whatsoever”.

<sup>14</sup> “This is fantasy. Why wouldn’t there be people of colour? This is the lowest common denominator of diversity you could put in these realms, and yet we just don’t see any people who look like us. So a part of my aim is meeting people who look like us in those settings that I love to see. [...] We’re out here too and there’s a lot of stuff that we can do with these characters and the way we present ourselves”.

Assim, compreendemos a arte de Brown como um ato político, por meio do qual ela busca identificações, expressando ativismo e crítica em uma sociedade marcada pelo racismo internalizado. Por isso, Brown recorre as artes como meio de expressar o que, por tanto tempo, vem sendo negligenciado. bell hooks evidencia essa situação, explicando que:

Se compararmos o progresso relativo dos afro-americanos na educação e no emprego à luta para garantir algum controle sobre a forma como somos representados, especialmente na mídia de massa, vemos que houve poucas mudanças nos domínios da representação. Ao abrir uma revista ou um livro, ligar a TV, assistir a um filme ou olhar fotografias em espaços públicos, é muito provável que vejamos imagens de pessoas negras que reforçam e reinstituem a supremacia branca. Essas imagens podem ser construídas por pessoas brancas que não se despiram do racismo, ou por pessoas não brancas ou negras que vejam o mundo pelas lentes da supremacia branca - o racismo internalizado (hooks, 2019, p. 28).

bell hooks demonstra, nesse contexto, que o racismo se reverbera com veemência na indústria cultural. A vista disso, é importante atentarmos para as mídias a partir de olhares críticos e, principalmente, investir em intervenções que viabilizem a diversidade, a exemplo do ocorrido com Brown, conforme mencionado por Dean:

Mesmo em sua própria arte, ao iniciar, Brown diz que caiu na mesma armadilha de desenhar personagens majoritariamente brancos, o que restringiu sua própria imaginação. Isso é o que a mídia ao seu redor refletiu. 'Foi interessante' ela comenta, 'porque eu olho para trás em minha versão mais jovem, e fico, tipo, 'Por que você estava fazendo esses personagens?', mas na verdade eu não era a culpada. Era exatamente ao que eu estava exposta' (Dean, 2021, p. 44)<sup>15</sup>.

Em vista disso, atualmente, a artista atribui visibilidade às mulheres negras por meio de suas ilustrações digitais, intervindo em espaços nos quais ideologias patriarcais são dominantes, como é o caso do ramo de produções de jogos, animações e de ilustrações. Sua proposta é de grande impacto, pois, sabemos que as imagens são fundamentais para contar histórias e estimular a imaginação, principalmente quando se trata de ficção fantástica.

---

<sup>15</sup> "Even in her own art, when starting out Lauren says she fell into the same trap of drawing largely white characters, which restricted her own imagination. That's what the media around her had reflected. 'It was interesting', she comments, 'because I look back at my younger self and I'm like, 'Why were you making these characters?', but really I wasn't to blame. It was just what I was exposed to."

À vista disso, parafraseando Adichie (2009), estamos cientes de que as mais diversas produções culturais, de modo amplo, podem destruir a dignidade de um povo, ou ajudar a reparar essa dignidade perdida. Logo, contextos de produções ficcionais de fantasia não estão isentos dessas possibilidades amplas de intervir ou de reforçar determinados preconceitos.

Face ao exposto, não é em vão que a proposta de Brown seja contribuir para a propagação de uma multiplicidade de narrativas por meio de ilustrações digitais de fantasia. Em suas próprias palavras, a artista revela que: “em muitas de minhas ilustrações, comumente há algum tipo de narrativa sendo contada, quer grande ou pequena, e eu quero ser capaz de continuar fazendo isso” (Dean, 2021, p. 46)<sup>16</sup>. Aliás, é importante mencionar que a artista não está isenta da hostilidade enfrentada na sociedade e nas mídias sociais, conforme destaca Dean:

Quanto mais de si mesma Brown coloca em sua arte, mais difícil pode ser receber críticas. Mas ela se tornou muito mais filosófica sobre a crítica ao longo dos anos. A vida na equipe de arte de um estúdio de videogame, e agora como diretora de arte, significa que ela pode distinguir facilmente entre críticas construtivas e destrutivas (Dean, 2021, p. 44)<sup>17</sup>.

Como vemos, Brown está inserida em nichos culturais nos quais predominam ideologias racistas e sexistas, como já mencionado anteriormente e, além disso, lida diretamente com os desafios acarretados pelas redes sociais. Por isso, ainda em relação às críticas, a artista explica que:

Cada artista recebeu críticas diferentes ao longo dos anos. Eu definitivamente tenho. Pode ser muito difícil no começo porque é como pegar um pedacinho de sua alma, colocá-la na mesa e dizer às pessoas para olharem para essa parte de mim e me dizerem o que acham sobre isso. É basicamente pensar que alguém está criticando uma parte fundamental de quem você é. E isso pode ser muito doloroso para muitas pessoas (Dean, 2021, p. 44)<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> “With a lot of my illustrations, there’s usually some kind of narrative being told – whether big or small – and I want to continue being able to create that”.

<sup>17</sup> “The more of herself Lauren puts into her art, the harder could be to take criticism. But she’s become far more philosophical about critique over the years. Life in a video game studio’s art team, and now as art director, means she can easily distinguish between”.

<sup>18</sup> “Every artist has gotten different criticisms over the years. I definitely have. It can be really hard at first because it’s like taking a little piece of your soul and putting it on the table and telling people to look at this part of me and tell me what you think about it. It’s basically thinking that somebody is criticizing a fundamental part of who you are. And that can be really painful for a lot of people”.

Frente a essa situação, compreendendo a ansiedade e os problemas que afetam profissionais da ilustração, Brown também realiza o podcast *Painted In Color*, no qual artistas “[...] discutem seus problemas, promovem conscientização sobre questões relacionadas à saúde mental e oferecem conselhos” (Dean, 2021, p. 46)<sup>19</sup>. Por isso é importante enfatizar que artistas como Brown estão exercendo ativismo político de diversas formas, tanto por meio de suas artes quanto de outras oportunidades fomentadas a partir de sua posição social nos espaços em que atuam. Profissionais como Brown compreendem que representações, principalmente aquelas consideradas positivas, são um fator de extrema relevância, não para “romantizar” as vivências das pessoas negras ou apagar suas dores, mas para somar na multiplicidade de narrativas e combater estereótipos que incisivamente depreciam e marginalizam as culturas afrodescendentes.

Diante disso, não podemos deixar de revisitar as percepções de bell hooks (1995) na obra *Art on my mind*, na qual a autora explica que:

Muito do nosso foco político no visual tem sido relacionado à questão das imagens boas e ruins. De fato, muitas pessoas pensam que o problema da identificação do negro com a arte é simplesmente o problema da sub-representação, não há imagens suficientes, não há artistas negros visíveis o suficiente, não há galerias de prestígio mostrando seus trabalhos (hooks, 1995, p. 3)<sup>20</sup>.

Assim, hooks elucida que “a representação é um local crucial de luta – para qualquer povo explorado e oprimido que afirma a subjetividade e a descolonização da mente (hooks, 1995, p. 3)<sup>21</sup> e também leva em conta que “a identificação com a arte vai além da questão da representação” (hooks, 1995, p. 3)<sup>22</sup> abrangendo aspectos sociais mais amplos que são manifestos pelo racismo internalizado.

---

<sup>19</sup> “[...] artists discuss their issues and raise awareness of mental health concerns, and offer advice”.

<sup>20</sup> “Much of our political focus on the visual has been related to the issue of good and bad images. Indeed, many folks think the problem of black identification with art is simply the problem of underrepresentation, not enough images, not enough visible black artists, not enough prestigious galleries showing their work”.

“Representation is a crucial location of struggle-for any exploited and oppressed people asserting subjectivity and decolonization of the mind”.

<sup>21</sup> “Representation is a crucial location of struggle-for any exploited and oppressed people asserting subjectivity and decolonization of the mind”.

<sup>22</sup> “Identifying with art goes beyond the issue of representation”.

Nesse contexto, hooks compreende que “nossa capacidade de valorizar a arte é severamente corrompida e pervertida por uma política do visual que sugere que devemos confinar nossas respostas aos limites estreitos de um debate sobre imagens boas *versus* imagens ruins” (hooks, 1995, p. 3)<sup>23</sup>. A autora então questiona “como podemos verdadeiramente perceber, experimentar e apreciar tudo o que pode estar presente em qualquer obra de arte se nossa única preocupação é se ela nos mostra uma imagem positiva ou negativa?” (hooks, 1995, p. 3)<sup>24</sup>.

Por isso, é fundamental pensarmos além de percepções binárias e compreender que “a arte constitui um dos raros locais onde atos de transcendência podem ocorrer e ter um amplo impacto transformador” (hooks, 1995, p. 3)<sup>25</sup>. Notamos, então, que Brown não está lidando com categorias binárias de boas ou más representações, ainda que em seu discurso ela se refira às suas obras como representações positivas.

Para além disso, como já mencionamos, a artista está intervindo politicamente por meio de uma proposta crítica e de ativismo que visa potencializar reflexões mais diversificadas sobre obras nas quais possamos encontrar identificações. Prova disso, também está no fato de que parte dos lucros obtidos por meio das produções de Brown são destinados às causas sociais.

Logo, para despertar novos olhares sobre as muitas narrativas – reais e ficcionais – Brown está intervindo e contrapondo uma estética supremacista branca e a incisiva proposta de produções culturais que reforçam imagens estereotipadas e atreladas à história única. Por isso, suas ilustrações digitais de fantasia possuem, como aspecto principal, a centralidade de mulheres negras, dentre outros elementos simbólicos da luta contra o racismo, como veremos no tópico seguinte.

---

<sup>23</sup> “Our capacity to value art is severely corrupted and perverted by a politics of the visual that suggests we must limit our responses to the narrow confines of a debate over good versus bad images”.

<sup>24</sup> “How can we truly see, experience, and appreciate all that may be present in any work of art if our only concern is whether it shows us a positive or negative image?”.

<sup>25</sup> “Art constitutes one of the rare locations where acts of transcendence can take place and have a wide-ranging transformative impact”.



### 3. Mulheres negras e fantásticas

Ao longo dessa sessão, realizamos a análise dos aspectos semióticos, para destacar os principais elementos presentes em quatro das ilustrações de fantasia produzidas pela artista Lauren Brown. Para tanto, partimos de parâmetros interdisciplinares de análise, buscando, principalmente, concepções contextualizadas a partir das culturas afrodescendentes, a fim de evitar percepções que destoem da proposta epistêmica dessa análise, haja vista que estamos lidando com um viés interdisciplinar para enfatizar a importância da afrocentricidade na ficção fantástica. Tendo isso em vista, consideramos fundamental destacar interpretações simbólicas tradicionalmente difundidas no contexto africano. Vejamos, então, as ilustrações produzidas por Brown:



Figura 1. *Octopus Mermaid* por Lauren Brown (2021).

Na ilustração intitulada *Octopus Mermaid* (A sereia-polvo) a personagem em destaque se trata de uma figura híbrida, meio humana, meio polvo. De acordo com o dicionário de símbolos, que se trata de um importante referencial para compreender a amplitude significativa das imagens, o polvo é um arquétipo cultural amplamente atrelado à inteligência, flexibilidade e criatividade nas mais diversas culturas (Dicionário de Símbolos, 2023).

Conforme mencionado por Kristen Stanton (2022), “os polvos vivem em todos os oceanos da Terra. Assim, eles são temas nas mitologias e folclore de povos ao redor do mundo, particularmente nas culturas de áreas costeiras” (Stanton, 2015)<sup>26</sup>. Um exemplo disso ocorre na África do Sul, onde o polvo mais comumente visto é o denominado *Octopus Vulgaris* também conhecido como *Catfish*, *Seekat* e *Ingwane*, encontrado em recifes com profundidades de até 200 metros abaixo da superfície da água (*Ocean Blue Adventures*, 2015).

No *National Geographic* (2017) consta que esses invertebrados, considerados “mestres da camuflagem”, são capazes de mudar de cor e de adaptar à textura do ambiente para sobreviver. Polvos também podem fugir de predadores a partir da liberação de água por um tubo muscular denominado sifão, ou pela capacidade de expelir um jato de tinta que ajuda a confundir possíveis predadores. Além disso, eles podem perder um de seus tentáculos que, posteriormente, é capaz de se regenerar.

Vemos, portanto, que as características biológicas do polvo possibilitam enfatizar sua multiplicidade significativa na obra de Brown, que ao nosso ver, está principalmente contrapondo preconceitos relacionados à inferiorização das pessoas negras. Como oposição a esse ato racista, a artista lança mão de uma possibilidade simbólica significativa, dado que nas mais diversas culturas, o polvo se trata de um símbolo de poder e intelecto. Nesse contexto, a hibridação entre seres, muito presente nas mais diversas mitologias como da Mesopotâmia, do Egito e da Grécia Antiga, possibilita pensar nas características que auferem poder a essa personagem.

Já em relação aos atributos culturais do polvo, no site *Birds Fact*, Emily Mann (2021) destaca informações relevantes como o fato de que:

Os africanos retratam os polvos como criaturas com movimentos lentos e determinação. Acredita-se também que os polvos sejam o símbolo do sol. Em seu livro, *Uma Introdução à Filosofia Jurídica Africana*, John Murungi usou o polvo para descrever o racismo. Polvos foram encontrados em moedas durante a época do Egito Antigo. Acredita-se também que a espiral micênica e a voluta são parentes próximos do polvo. Durante o Neolítico, na

---

<sup>26</sup> Octopuses live in every ocean on Earth. Thus they are subjects in the mythologies and folklore of people around the world, particularly the cultures in coastal areas.

África, os ídolos brutos representavam diferentes formas de polvo (Mann, 2021).<sup>27</sup>

Essas características nos ajudam a compreender as dimensões simbólicas da ilustração *A sereia-polvo*, sendo fundamental atentar aos demais aspectos presentes nessa obra, como as águas, em tonalidade verde, que também possuem um horizonte amplo de possibilidades simbólicas – de fluxo, profundidade e imersão, permeado pelas algas, que emolduram a ilustração, símbolos culturais de proteção e nutrição. Também não deixamos de perceber aspectos minuciosos como o formato dos cabelos e o colar, que perpassam aspectos estéticos relevantes em termos de ancestralidade e crença, tratando-se de elementos que, evidentemente, estão baseados nos artefatos e práticas oriundas das culturas africanas.



Figura 2. *Sporecrown Queen* por Lauren Brown (2021).

Na ilustração *Sporecrown Queen* (A rainha dos cogumelos), novamente, temos a centralidade de uma personagem híbrida, uma mulher negra caracterizada e rodeada por cogumelos. Um aspecto interessante é o fato de a personagem estar interposta em relação à natureza em seu entorno. Trata-se de uma rainha que está exercendo seu poder em unidade

---

<sup>27</sup> Africans depict octopuses as creatures with slow movement and determination. Octopuses are also believed to be the symbol of the sun. In his book, *An Introduction to African Legal Philosophy*, John Murungi used octopus to describe racism. Octopuses were found on coins during the time of Ancient Egypt. It is also believed that the Mycenaean spiral and volute are close relatives to the octopus. During the Neolithic era, in Africa, the crude idols represented different forms of octopus.

e conciliação com o meio no qual está inserida – o que, ao nosso ver, contrapõe imagens nas quais uma figura de poder aparece em sobreposição e supremacia à natureza. Além disso, cabe destacar que os cogumelos são corpos reprodutivos de fungos, e compõe o imaginário fantástico de diferentes modos, a exemplo das explicações presentes na revista *Clarkesworld*<sup>28</sup> em que Carrie Sessarego (2021) destaca que:

Os fungos são uma ficção especulativa fascinante porque são muito, muito diferentes dos humanos, porque há muito sobre eles que não é totalmente compreendido e porque as possibilidades de contar histórias apresentadas por eles são quase infinitas. Seja como agentes de horror corporal, forças aterrorizantes ou libertadoras de controle mental, ou seres que nos forçam a desafiar ideias sobre colonização, ocupação, poder e sexo, essas formas de vida surpreendentes permeiam a ficção especulativa na página e na tela (Sessarego, 2021)<sup>29</sup>.

Assim, a autora torna evidente alguns dos principais aspectos simbólicos dos cogumelos. Fato também evidenciado por Olusegun Oyetayo (2011) em seu estudo sobre o uso medicinal dos fungos na Nigéria. Oyetayo (2011) menciona que os cogumelos eram usado desde os tempos antigos, correlacionados ao misticismo e que “[...] ironicamente, o primeiro registro de cogumelo usado como agente alucinógeno foi creditado à tribo iorubá da Nigéria na África. O registro remonta ao período Paleolítico (7.000 – 9.000 anos atrás)”<sup>30</sup>.

Cabe destacar que, conforme Sessarego (2021), os fungos existem há pelo menos um bilhão de anos e são amplamente considerados os primeiros organismos a viver em terra em nosso planeta. A autora também explica que eles prosperam em todos os continentes, incluindo a Antártida. Desertos, florestas e zonas hidrotermais do fundo do mar são o lar de fungos”, tendo sido até mesmo expostos à órbita baixa da Terra e à radiação do espaço profundo, onde sobreviveram, podendo ser encontrados até mesmo na Estação Espacial Internacional. Assim, a autora demonstra a versatilidade e longevidade dos cogumelos,

---

<sup>28</sup> Revista com foco em ficção científica e fantasia.

<sup>29</sup> Fungi make for fascinating speculative fiction because they are so very, very different from humans, because there is so much about them that is not fully understood, and because the storytelling possibilities they present are almost endless. Whether as agents of body horror, terrifying or liberating forces of mind control, or beings that force us to challenge ideas about colonization, occupation, power, and sex, these amazing life-forms permeate speculative fiction on page and on screen.

<sup>30</sup> Ironically, the first record of mushroom used as hallucinogenic agent was credited to the Yoruba tribe of Nigeria in Africa (Griensven, 2009). The record dates back to the Paleolithic period (7000 – 9000 years ago).

possibilitando uma compreensão metafórica de novas camadas significativas para a obra de Brown.

A nível de referencial ilustrativo, destacamos, por exemplo, o documentário *Fungos Fantásticos*<sup>37</sup> (2019), dirigido por Louie Schwartzberg, material no qual algumas características e significados dos fungos são amplamente debatidos, incluindo também aspectos relacionados ao seu efeito alucinógeno e medicinal nas mais diversas culturas. Há destaque, por exemplo, para o papel fundamental dos fungos na decomposição e regeneração da vida na terra, sendo fundamentais a todos os ecossistemas, bem como para uma linha de estudos que aponta para os cogumelos psicodélicos, consumido pelos nossos ancestrais, como um dos fatores que possibilitou a expansão do cérebro (Schwartzberg, 2019).

A *rainha dos cogumelos*, portanto, é uma ilustração com diversas possibilidades significativas que manifestam, principalmente, aspectos de poder conciliado à natureza, ancestralidade e diversidade, contrapondo padrões culturais colonizadores de dominação e supremacia, por isso, compreendemos os cogumelos como símbolo da sobrevivência e da diversidade cultural. Esses fatores também se fazem amplamente presentes nos símbolos presentes na ilustração intitulada *We Are Not Prey* (Não somos presa), a qual foi realizada em 2012 como forma de protesto contra a violência policial nos Estados Unidos. Vejamos:



Figura 3. *We Are Not Prey* por Lauren Brown (2021).

Novamente, podemos observar o destaque à afrocentricidade, dada a presença de uma mulher negra ocupando o centro da ilustração. Trata-se de uma guerreira com super poderes e um olhar ameaçador. Seu poder de fogo é manifesto como força centrífuga, de dentro para fora, partindo do punho cerrado da personagem, um símbolo político de luta e resistência.

Em relação ao fogo, no site *Green Me*<sup>31</sup>, são discutidos seus diferentes significados em várias culturas e religiões. Deise Aur (2021) demonstra que o fogo, classicamente compreendido por seu potencial transformador, é um arquétipo que remete a aspectos como criação, destruição, transformação, paixão, vitalidade e energia – também considerado como um arquétipo do comportamento humano, das tradições e das religiões.

Os cervos, por sua vez, são emblemas relevantes na cultura africana. Garth Clifford (2021) destaca a recorrência dos cervos em totens, como símbolo de unidade grupais para muitas tribos africanas, além de vários exemplos de seus significados nas mais diversas culturas. Alguns dos principais exemplos mostrados pelo autor revelam que os cervos “geralmente eram esculpidos em cavernas, em vasos e nas obras de arte”<sup>32</sup> e que o termo “*Keh* - a palavra antiga para cervo, é representada pelo antigo símbolo do primeiro ser humano criado” (Clifford, 2021)<sup>33</sup>.

Como vemos, o autor retoma contextos culturais que nos auxiliam a mensurar as dimensões significativas dos cervos em *Não somos presa*. Por isso, compreendemos que no contexto específico dessa ilustração de Brown, a presença dos cervos demonstra a força coletiva, a luta daqueles que não se rendem tão facilmente diante de predadores como os lobos, destacados com frieza pela tonalidade gélida. Assim, compreendemos que Brown lida com a relação predador e presa para ilustrar o enfrentamento ao racismo.

Outro aspecto notável e central na ilustração é o cabelo afro, dada a sua importância social, cultural e política, principalmente em termos de identidade, poder e de ênfase da cultura e da ancestralidade. Por isso, tendo em vista a importância simbólica dos cabelos, Brown critica a falta de ênfase nesse aspecto cultural ao longo de sua formação. Conforme suas próprias palavras, “eu não recebi nenhum treinamento sobre como renderizar a pele

---

<sup>31</sup> Site de informação sobre meio ambiente e saúde.

<sup>32</sup> “They are usually carved in caves, on pots, and in the artwork”

<sup>33</sup> “*Keh* - the ancient word for deer - is depicted by the ancient symbol of the first human created.

negra ou como texturizar o cabelo [...] E acho que isso é uma grande perda, porque é uma grande parte da arte”, diz Lauren Brown (Dean, 2021, p. 47)<sup>34</sup>.

Considerando, então, a raridade de personagens de fantasia com cabelos afro, sob inspiração de uma fotografia da modelo nigeriana Adeyanju Adeleke, Brown questiona “Por que não haveria um *Tiefling* com um afro?” (Dean, 2021, p. 46)<sup>35</sup>. Podemos, assim, observar a imagem da modelo que inspirou a ilustração, bem como o resultado final da ilustração digital produzida por Brown:



Figura 4. Adeyanju Adeleke (2021). Figura 5. *Tiefling* por Lauren Brown (2021).

Na revista *ImagineFX* é mencionado que a ilustração causou um “rebolicho”. Não é de espantar, já que os *Tieflings* são criaturas fantásticas do submundo infernal fictício. Por isso, é importante compreender o contexto para essa produção, dado que os *Tieflings* são componentes significativos do bestiário fantástico, muito conhecidos nos *RPGs*<sup>36</sup>, a exemplo do jogo *Dungeons & Dragons*<sup>37</sup>. Brown, portanto, está criticando a proeminência de *Tieflings* que, comumente, seguem estereótipos eurocêtricos, brancos, altos e magros.

<sup>34</sup> “I didn’t get any training on how to render dark skin or how to texture hair [...] And I think that’s such a loss, because that’s such a big part of art”.

<sup>35</sup> “Why wouldn’t there be a Tiefling with an afro?”

<sup>36</sup> Sigla para *Role Playing Game* – jogos de Interpretação de Personagens.

<sup>37</sup> Jogo de interpretação de personagens muito popular na cultura pop.

Nesse contexto, a artista aponta para uma importante crítica social, afinal, existem diversas vilãs negras, o que é um aspecto importante de diversidade, mas que pode gerar polêmicas como em casos que apontam estritamente para a associação da cor da pele com a vilania, gerando um estereótipo problemático. Por isso, é necessário observar aspectos mais amplos no contexto sociocultural em que essas personagens são desenvolvidas, como no caso da *Tiefling*, de Brown, que aponta justamente para a importância desse debate.

Assim, compreendemos que os mais diversos símbolos presentes na obra de Brown enaltecem a afrocentricidade. Brown está contribuindo para o desenvolvimento de outras realidades possíveis nas artes, desencadeando reflexões que fomentam crítica, resistência e contrapõe a história única, por isso, refletir sobre seus trabalhos desafiam prerrogativas tradicionais e rompe com parâmetros comumente atrelados a percepções binárias de representações positivas ou negativas nas artes.

### Considerações finais

Diante das reflexões desenvolvidas no decorrer desse estudo, vimos que Brown produz ilustrações significativas para despertar novos olhares e auferir visibilidade às mulheres negras por meio das artes. Assim, suas ilustrações de fantasia se manifestam como um modo de exercer ativismo e crítica social, inovando em termos de representatividade e contrapondo o racismo que, evidentemente, também se reverbera nos âmbitos ficcionais.

A par disso, ao longo desse estudo, situamos a importância das contribuições de Lauren Brown, mais especificamente no campo das ilustrações digitais, considerando perspectivas interdisciplinares de análise. Destacamos, dentre outros aspectos, alguns dos elementos simbólicos presentes em suas obras, marcadas principalmente pela afrocentricidade.

Nesse sentido, compreendemos que a interdisciplinaridade favorece o estabelecimento de diálogos interculturais e encoraja a criatividade, auxiliando-nos a perceber que os espaços imaginários que compõe nosso arcabouço cultural são afetados por preconceitos como o racismo, o sexismo, e muitas outras formas de opressão patriarcal. Isso, tendo em vista proposições que partem dos feminismos negros para explicitar a condição



cruel que a mídia relegou às mulheres negras em termos de estereótipos, estigmas e de não-representações ou distorções.

Portanto, compreendemos que trabalhos como as ilustrações digitais de Brown podem inspirar novos talentos e despertar novos horizontes pedagógicos favoráveis à crítica e à intervenção política por meio das artes. Esse é um exemplo significativo para pensarmos em novos modos de produção de conhecimento e de cultura. Precisamos questionar as representações e ir além delas, buscando alternativas criativas em favor da diversidade, combatendo estereótipos que se dão por meio de uma exclusão sistemática e violam o direito à existência em todo e qualquer espaço, quer real ou ficcional.

Ademais, consideramos que essas produções são de suma importância para contrapor o racismo, sendo relevantes para o fomento de ações educacionais inclusivas que desempenham um papel fundamental no desenvolvimento social. Isso, tendo em vista que o âmbito da representação pode educar, sensibilizar, mas também inibir e restringir. Por isso é tão importante promover a inclusão por meio das artes, desafiando estereótipos e promovendo reflexões acerca de artefatos culturais que são menos estudados no meio acadêmico.

Nesse contexto, destacamos a potencialidade crítica de ilustrações fantásticas, que muitas das vezes são restritas aos departamentos de artes e design, mas que também podem ser um importante recurso nas mais diversas áreas das ciências sociais e humanas como história, língua portuguesa, antropologia, sociologia e muitas outras. Isso, incluindo também as atividades extensionistas a exemplo de oficinas de escrita criativa e de produções artísticas das mais diversas modalidades, assegurando debates e constantes intervenções em favor da diversidade. Por isso, sugerimos o uso de ilustrações como as de Brown na sala de aula, tanto para inspirar a escrita textual, quanto para servir como base para novas produções artísticas.

Importa enfatizar que Brown autorizou a utilização das imagens para o presente estudo, se mostrando aberta para diálogos vindouros e possíveis contribuições, reconhecendo a importância das possíveis interpretações de suas obras no meio acadêmico.

Cabe, ainda, destacar a importância de revistas promovendo diversidade, como o caso da *Imagine FX*, da qual Ian Dean deliberou autorização para que a entrevista concedida por Brown pudesse compor a presente pesquisa. Dean demonstrou sua preocupação em relação a difusão do tema na prática, dado que a *Imagine FX* promove ações educativas como

oficinas de ilustração digital e fomenta debates importantes, abrindo espaço para artistas como Brown, que intervém criticamente em questões sociais por meio das artes.

Ademais, enfatizamos que o estudo possibilitou maior sensibilidade crítica em relação a diversidade expressa nas artes, afinal, temos um leque amplo de estudos e de questões a serem pensadas e uma longa jornada para o debate de como o racismo internalizado está arraigado na cultura e nas artes. Estamos diante de uma era cada vez mais ampla em termos de possibilidades criativas, mas que também pode ser perigosa; uma era em que, além das mãos humanas, a inteligência artificial está cada vez mais presente para criar e recriar imagens e, em termos negativos, replicar também os preconceitos.

Isso, considerando uma era em que a velocidade em que as informações viajam pode propagar ideais dominantes e patriarcalistas, evidentemente sexistas, racistas e perpassados por outros preconceitos ou por proveito de discursos sobre diversidade para fins lucrativos sem a real pretensão de sensibilizar, mas de objetificar e lucrar. Nesse cenário crítico, precisamos nos munir de conhecimentos e de ferramentas estratégicas para educar para a diversidade com criatividade e perspectivas multiculturais, assegurando debates e intervenções que assegurem a propagação da diversidade, cada vez mais conscientes de suas potencialidades politicamente engajadas.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda. ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma única história**. Tradução de Érika Barbosa. Disponível em: [http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story). Acesso em: 05 de abril de 2022.

AUR, Deise. O Significado do Fogo em Várias Culturas e Religiões. **Green Me**, 2021. Disponível em: < <https://www.greenme.com.br/informarse/significados/86960-significadodo-fogo/>>. Acesso em 13 de abril de 2021.

CLIFFORD, Garth C. Deer Symbolism & Meaning (+Totem, Spirit & Omens). **World Birds**, 2021. Disponível em: <<https://worldbirds.com/deer-symbolism/>> Acesso em: 15 de abril de 2022.

DEAN, Ian. We're out here too and there's a lot of stuff that we can do with these characters and the way we present ourselves. **ImagineFX**, 2021.

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. Polvo, 2023. Disponível em:

<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/polvo/> Acesso em: 16 de junho de 2023.

FORDE, Matthew. Zynga's Lauren Brown tackles the industry's issues. **Pocket Gamer**, 2021. Disponível em: <<https://www.pocketgamer.biz/interview/76213/poc-in-mobile-zyngaassociate-art-director-lauren-brown/>>. Acesso em 06 de abril de 2022.

FUNGOS FANTÁSTICOS. Louie Schwartzberg, Netflix, documentário, 1h20min, 2019.

hooks, bell. **Art on My Mind**: Visual Politics. New York: New Press, 1995.

hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante Editora, 2019.

OCEAN BLUE ADVENTURES. **Interesting facts on Octopuses**, 2015. Disponível em: <<https://oceanadventures.co.za/interesting-facts-on-octopuses/>>. Acesso em 13 de abril de 2022.

**LABillustration**. About the artist. In: <<https://www.labillustration.com/bio>>, 2021. Acesso em 03 de abril de 2022.

MANN, Emily. Octopus Symbolism & Meaning -Totem, Spirit & Omens. **Birds Fact**.

Disponível em: <<https://birdsfact.com/octopus-symbolism>>, 2021. Acesso em: 11 de abril de 2022.

Octopuses 101. **National Geographic**, 2017. Disponível em:

<<https://www.nationalgeographic.com/animals/invertebrates/facts/octopus-facts>>. Acesso em: 13 de abril de 2022.

OYETAYO, Olusegun V. Medicinal uses of mushrooms in Nigeria: towards full and sustainable exploitation. **African Journal of Traditional, Complementary and Alternative Medicines**, v. 8, n. 3, 2011.

SESSAREGO, Carrie. Fungi in Fiction. **Clarkes World Magazine**, 2021. Disponível em: <[https://clarkesworldmagazine.com/sessarego\\_06\\_21/](https://clarkesworldmagazine.com/sessarego_06_21/)>. Acesso em 06 de abril de 2022.

STANTON, Kristen. **Octopus Symbolism & Meaning & the Octopus Spirit Animal**. Uniguide, 2022. Disponível em: <https://www.uniguide.com/octopus-symbolism-meaningspirit-animal>. Acesso em: 15 de junho de 2022.

VERTEX WEEK: the Painted in Colour team discuss diversity in sci-fi and fantasy art. In: <<https://www.creativebloq.com/news/vertex-week-painted-in-color>>, 2022. Acesso em: 03 de abril de 2022.

Recebido em 22/02/2024

Aceito em 10/06/2024